

EDITORIAL

Semiótica é uma área de conhecimento até certo ponto recente no âmbito da academia, não obstante serem os sistemas comunicacionais a condição primeira para a organização dos seres humanos em sociedade. Fenômeno, no campo visual, presente desde as cavernas como modo de expressão, entre os gregos passou a ser objeto de reflexão teórica. Todavia, a Semiótica constituiu-se como um campo específico do conhecimento apenas no século passado, a partir de três das suas principais correntes teóricas.

São elas a matriz norte-americana, cujo pai-fundador é Charles Saunders Peirce; a corrente do leste europeu, então conhecida como Semiótica Russa, a qual posteriormente desdobrou-se; e a moldura teórica hoje conhecida como Semiótica Discursiva, ou Semiótica Francesa, pelos desenvolvimentos havidos naquele país, mas que construiu-se com o concurso de pensadores de outras origens, como o suíço Ferdinand de Saussure, o dinamarquês Louis Hjelmslev, o russo Roman Jakobson, que transitou do leste ao oeste da Europa e do Hemisfério Norte, e o lituano Algirdas Julien Greimas, além dos franceses, como Jacques Fontanille, Eric Landowski e Jean-Marie Floch, este caracterizando-se, entre os discípulos de Greimas, como o que se empenhou na criação de uma semio-estética, projeto que sua morte precoce interrompeu.

No Brasil, a Semiótica desenvolveu-se tendo como núcleo difusor de teorias o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ PUCSP, inicialmente fundamentada nas teorias peirceanas, em investigações realizadas ou orientadas por Lúcia Santaella. Na década de noventa do século passado, difundiram-se outras matrizes, como a Semiótica da Cultura, derivada, se assim se pode dizer, da Semiótica Russa; e a Semiótica Discursiva, trazida para o Brasil por Eric Landowski e Ana Cláudia de Oliveira, os quais, no Centro de Pesquisas Sociosemióticas da PUC de São Paulo, dirigem desdobramentos da Semiótica da *École de Paris*, fundada por A. J. Greimas.

Na confluência das trocas acadêmicas, em anais de eventos ou em periódicos, alcançam visibilidade poucas incursões da Semiótica no campo do Ensino de Arte, pois se as relações entre Ensino e Arte nem sempre têm uma compreensão satisfatória pelos próprios atores, nem mesmo o apreço recíproco, se acrescentado a eles esse novo ingrediente, a Semiótica, menor ainda é o número de pesquisadores dispostos a se debruçar sobre uma tríade epistemológica tão diversificada. Ademais, somos obrigados a admitir que nem a Semiótica tem como prioridade o Ensino de Arte, nem o Ensino da Arte constitui-se

em área prioritariamente interessada em Semiótica, malgrado todo o potencial desta última para o acesso aos efeitos de sentido das linguagens estéticas em processos educacionais.

Os pesquisadores brasileiros com tradição neste espaço de intersecção podem ser apontados por seus nomes e não apenas por meio de números e este é um dado que ilustra a problemática aqui colocada; não obstante, alguns deles estão aqui presentes como autores ou pareceristas. A esperança de uma maior disseminação de estudos contemplando esse *carrefour* de conhecimentos e práticas reside nos programas de Pós-Graduação em Educação ou em Artes que abrigam investigações apoiadas na Semiótica e neste número alguns desses novos produtores de conhecimento se apresentam.

Assim, no número 10 da Revista PALÍNDROMO, desnudamos esta questão, muitas vezes camuflada nos rituais da vida acadêmica, qual seja, a da convivência complexa entre conhecimentos de matrizes tão distintas. Entretanto, não apresentamos aqui apenas artigos que enfoquem, simultaneamente, aspectos evidentes sobre Arte, Educação e Semiótica.

Falando de museu, escola, análise de discurso e arte contemporânea, Moema Martins Rebouças, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, abre esta publicação como autora convidada, apresentando um trabalho resultante de seus estudos de pós-doutorado em Portugal, o qual intitulou de **Museu de Arte Contemporânea de Serralves: Projectos com Escolas**. Trata-se de uma investigação sobre o “Projetos com Escolas” proposto pelo Serviço Educativo da Fundação Serralves entre os anos de 2012 e 2013. A Fundação Serralves é uma instituição cultural portuguesa de âmbito internacional que possui um Museu de Arte Contemporânea, no qual atua o serviço educativo. A fundamentação teórica da pesquisa recorre aos princípios da Semiótica Francesa, também denominada Semiótica Discursiva.

Não mais como convidada, mas com trabalho submetido à arbitragem de pares, Moema Martins Rebouças retorna, desta feita em co-autoria com Larissa Fabricio Zanin, também professora da UFES, com um texto intitulado **A Escola na Rede: apresentações da escola no ciberespaço**, que versa sobre escola, ciberespaço e identidade, resultado de uma pesquisa que apresenta reflexões sobre os modos de apresentação da vida escolar a partir da figuratividade presentificada nos discursos verbais dos adolescentes nas comunidades virtuais das redes sociais digitais, mais especificamente, no Orkut. Este estudo, igualmente, toma como referencial teórico os estudos referentes a análise do discurso que permeiam a Semiótica Discursiva dentre outras reflexões pertinentes a sociosemiótica.

Sempre aberta à internacionalização, não apenas quanto aos objetos de estudo, como é o caso do primeiro texto, a PALÍNDROMO aceitou o artigo escrito em língua espanhola, intitulado **La formación superior en artes mediatizada por dispositivos hipermediales dinâmicos**, de autoria dos pesquisadores Federico Buján e Patricia Silvana San Martín, pertencentes, entre outras entidades, ao Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), da Argentina. Trata da formação superior em Artes sob a perspectiva semiótica, enfocando, no contexto das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), um Dispositivo Hipermedial Dinâmico (DHD). Partem do entendimento de que a complexidade de seu objeto demanda de uma visão interdisciplinar para dar conta das múltiplas dimensões que os compõem e apresentam um caso desenvolvido no âmbito de uma Universidade Pública da Argentina.

Sem querer associar Argentina e futebol, o artigo seguinte recebeu o título de **Fuleco: um estudo semiótico da mascote da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014**. Ele é de autoria de Roger Costa Pellizzoni, Viviane Pellizzon Agudo Romã, Richard Perassi Luiz de Souza, Francisco Antonio Pereira Fialho, Marília Matos Gonçalves, da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Resultado de um estudo semiótico da mascote da Copa da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), a realizar-se no Brasil em 2014, inspirado no animal Tatu-bola, o texto foca nos aspectos semânticos desse personagem. Como se trata de uma imagem atual, é oportuna uma reflexão sobre seu significado, cotejando com aspectos relacionados à sua escolha e com a polêmica que se criou em torno do fato. Embora seja um estudo que não foi desenvolvido em ambiente escolar, consiste em um material oportuno para conteúdo de aulas de arte, já que o futebol é um tema mobilizador para meninos e meninas, sendo que a imagem do Fuleco irá, gradativamente, povoar os destinos dos mais inadvertidos olhares no ano de 2014. Trata, o artigo, portanto, de Semiótica e visualidade, mas deixa subjacente espaços para o professor trabalhar com temas como identidade, cultura popular, estereótipo, entre outros.

Para discutir questões relacionadas aos jogos eletrônicos, bem como as possíveis articulações a serem estabelecidas entre esta linguagem e prática dos jovens com o estudo da visualidade nas aulas de Arte, Débora da Rocha Gaspar, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, trata em seu artigo das imagens tecnológicas e da sua leitura. Para tanto, apresenta dados de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da mesma Universidade, a partir de fundamentos da Semiótica Discursiva. O texto recebeu o título de **Games e investigação: lendo imagens em uma *lan house***.

Anelise Zimmermann, professora no curso de Design da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC e também ilustradora, no seu trabalho intitulado **Possíveis leituras de extensões da arte nas ilustrações de livros: a Pós-Produção nas imagens de Rébecca Dautremer**, trata de possíveis relações entre as produções artísticas contemporâneas e as ilustrações de livros infantis a partir da leitura de imagens. Anelise optou por fazer seus estudos pós-graduados em uma linha de Ensino por considerar a relevância do caráter pedagógico das visualidade que se entrelaça com a narrativa verbal nos livros infantis. Neste artigo ela faz uso da Semiótica Discursiva para analisar essas relações.

Janine Alessandra Perini, discente do doutorado em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, apresenta o trabalho que recebeu o título de **Um olhar sobre Duchamp e Oldenburg** que, voltado para a realidade escolar, pretende dar suporte para uma leitura em sala de aula do *readymade* Fontaine, de Marcel Duchamp, e da obra *Soft Toilet*, de Claes Oldenburg. Ambas foram analisadas por meio de pressupostos da Semiótica Discursiva de extração greimasiana, fazendo uso das teorias de Ana Claudia de Oliveira, as quais foram colocadas em diálogo com análises feitas por Rosalind E. Krauss.

Se a produção de Duchamp, Oldenburg se insere na categoria considerada Arte, por outro lado, a imagem da mascote da Copa do Mundo, os *games* e as ilustrações de livros inserem-se na estética do cotidiano, pois povoam o universo da visualidade dos estudantes e, como tal, merecem ser objeto de estudo. São imagens mais próximas das crianças e jovens e, por serem construídas com os mesmos elementos e procedimentos que constituem as imagens artísticas, aquelas oferecem um potencial inesgotável para articular a realidade do dia-a-dia dos estudantes com a Arte. Não são textos sobre Ensino nem sobre Arte; porém, são propostas para o professor, pois visam a provoca-lo e instiga-lo, estimulando-o a levar para a sala de aula exemplares da linguagem visual cotidiana.

Também faz parte desse universo as cédulas de dinheiro: presença cotidiana, acessível a todos e potencial imenso para o estudo de significados e sentidos. Isto é mostrado no artigo **Re-construindo os efeitos de sentido da nota de mil cruzeiros: a cédula do Barão também se lê**, de Airton Jordani Jardim Filho, discente do Programa de Pós Graduação em Design da UDESC. Ele apresenta a leitura de imagem de uma cédula de mil cruzeiros, lançada em 1977, criada pelo designer Aloísio Magalhães, imagem que se tornou referência cultural no Brasil.

O número 10 da Revista PALÍNDROMO, por uma questão de coerência, apresenta na sua conclusão, para diálogo com os demais autores que antecedem e cotejamento de ideias, uma entrevista com Ana Claudia de Oliveira, da PUC/SP, autoridade em Semiótica

cujo nome dispensa maiores apresentações. Principal referencia da Semiótica Discursiva – ou da Semiótica do Sensível, ou da Semiótica Estésica – no nosso país, Ana Claudia nos honra com suas palavras que fecham este número, em resposta a questões que PALÍNDROMO é porta-voz, as quais vêm sendo formuladas por sucessivas turmas de estudantes que leem e estudam suas formulações teórico-metodológicas.

Respondendo com propriedade às principais dúvidas dos estudantes, lacunas decorrentes da necessidade de uma presença sua mais permanente entre nós, Ana Claudia aborda questões sobre a importância da Semiótica para o Ensino de Arte; outras, relacionadas à edificação teórica de seu próprio pensamento semiótico, ampliando-a com uma visão dos pressupostos de Greimas, na *École de Paris*, bem como dos desdobramentos desenvolvidos por seus colaboradores como J. Fontanille e E. Landowski. Enfrenta o paradoxo apontado nesta PALÍNDROMO, a respeito da dificuldade de convivência entre as complexas teorias semióticas e a necessária clareza nos procedimentos pedagógicos no Ensino de Arte, fazendo recomendações para aproximar a Semiótica da Educação. Trata ainda da divulgação da produção acadêmica que interrelaciona Semiótica e Ensino de Arte e conclui apontando lacunas ainda inexploradas, em termos de objeto de estudo, nos espaços de entrelaçamentos entre Ensino das Artes Visuais e Semiótica, tendo por base as teses e dissertações que tem dirigido.

Com a profundidade que lhe é peculiar, Ana Claudia de Oliveira aborda essas questões e outras correlacionadas, proporcionando, ao mesmo tempo, um panorama e um histórico da Semiótica, situando a Semiótica Discursiva, seus pressupostos e desenvolvimentos, bem como um retrato presente do “estado da arte”. Para os que vivem da crítica, mesmo nem sempre conseguindo acompanhar a dinâmica das múltiplas ramificações e atualizações dessas teorias e se entrincheiram atacando o que quer tenha conotações semióticas, as palavras de Ana Claudia prometem esclarecer não só as “dúvidas mais frequentes, como as críticas mais sérias e devidamente fundamentadas.

Assim, este número da Revista PALÍNDROMO pretende trazer contribuições e suscitar debates no âmbito da Linha de Ensino das Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e no de Programas congêneres, ampliando os domínios da Arte e da Educação, ao acrescentar teorias semióticas às discussões e às investigações. Considerando-se a interdisciplinaridade evidente na proposta deste número, que se refletiu nos trabalhos apresentados, e fazendo-se um retrospecto em publicações acadêmicas relacionadas, constata-se que não é comum encontrarmos um número de periódico dedicado exclusivamente a essa tríade, a esta mistura heterogênea, ao menos, em nosso país.

Consistem em exceções o número 30 da Revista Educação & Realidade, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, referente a julho-dezembro de 2005, coordenado por Analice Dutra Pillar, que igualmente coordena a publicação virtual Revista GEARTE, a ser lançada em breve. O número 30 da Educação & Realidade consiste em um clássico para essa área interdisciplinar e continua possibilitando debates profícuos quando o assunto é a Semiótica no Ensino da Arte. Dada a escassez de fontes teóricas acessíveis, que contemplem a diversidade aqui apontada, esperamos que este número 10 da PALÍNDROMO possa, efetivamente, também contribuir.